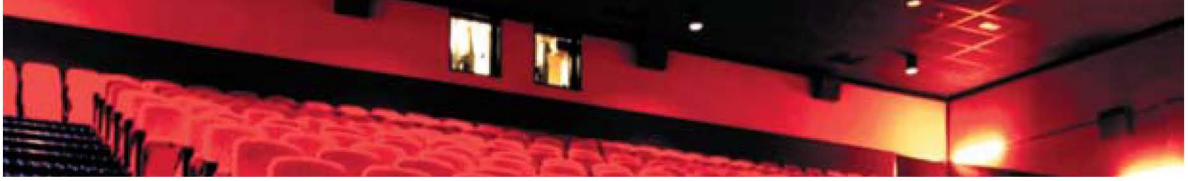
ATUALIZANDO

O SOM NOSSO

OS CINEMAS SE EQUIPAM

1982: durante uma reunião com a distribuidora da Embrafilme, Tom Job Azulay, produtor do filme *Corações a mil*, anunciou que este seria o primeiro filme brasileiro a ser mixado em Dolby Stereo. O uso da tecnologia poderia ser um forte elemento de promoção do documentário-ficção filmado durante a turnê do disco *A gente precisa ver o luar* do cantor Gilberto Gil. Este novo mote de vendas impulsionou as oito gerências regionais da distribuidora a sair em campo para vender "o primeiro filme brasileiro em Dolby Stereo", como estava estampado nos cartazes. Em poucos dias, obteve-se a resposta do mercado exibidor: dos mais de 3.200 cinemas do país, havia menos que uma dezena de cinemas com processadores de som. De nada servia o filme ter a trilha sonora nesta tecnologia.

O Dolby Stereo foi um sistema de compressão de sinais sonoros que ampliava a resposta de frequências e eliminava os ruídos de fundo, sejam os decorrentes da fricção do material magnético nas cabeças dos gravadores, sejam aqueles gerados pelas deficiências no sistema de gravação ou do negativo ótico, gerando o perfeito registro das frequências. Nos cinemas, a tecnologia não só representava uma forte melhoria na reprodução, ao ampliar a faixa dinâmica de respostas, como permitia que no mesmo espaço da trilha monofônica fossem inseridas duas pistas no negativo de som. Portanto, lançava o sistema estereofônico em pistas óticas.



Nesta época, os filmes brasileiros sofriam com as condições dos cinemas. Os diálogos empastelavam com a música e os ruídos. No estúdio principal da Álamo havia uma chave na mesa central de mixagem que, acionada pelo engenheiro de mixagem José Luiz Sasso, mostrava as condições da trilha no cinema com pior som da cidade de São Paulo: O Cine Ipiranga 2, que, por sua vez, não diferia em muito da média dos demais cinemas do país, que não possuíam processadores de som, tinham um único amplificador e uma caixa de som solitária colocada por detrás da tela. A caixa acústica do Ipiranga 2 consistia de um alto-falante instalado dentro de uma lata de óleo de 20 litros.

1993: o Circuito Sul-Paulista de Cinemas, proprietário do gigantesco Cine Marabá, decidiu incrementar a sonorização no cinema líder de arrecadação no país. Naquela sala era comum se obter frequências de público superiores a 20 mil espectadores por semana. Foram adquiridos um processador Dolby CP55 SR, amplificadores QSC e modelos específicos de caixas JBL para cinemas. Para surpresa geral, a avançada sonorização do Marabá foi desastrosa. Mesmo utilizando equipamentos de primeira linha, as condições acústicas da plateia da sala eram extremamente reverberantes, como era comum em todos os cinemas construídos na década de 1940, quando os amplificadores e alto-falantes eram caros e com pouca potência. Com o aparato moderno, os sons se sobrepunham, as reverberações correspondiam a uma caverna e, em vez de se ter um som espetacular, ouvia-se uma barulheira desagradável.

O Dolby Stereo SR melhorava a qualidade das gravações, pois trabalhava com um sistema de compressão mais sofisticado, o SR – Spectral Recording, ressaltando as respostas das frequências mais altas e mais baixas. Utilizava os canais esquerdo, central, direito, dividia o canal de *surround* em dois lados e voltava com os efeitos de frequências supergraves do *sensurround,* que só fora utilizado em apenas quatro filmes da Universal exibidos nos cinemas 70 mm (Vistavision). Nas exibições do filme *Terremoto*, o Cine Comodoro Cinerama chegou a ser interditado, em decorrência das rachaduras que, se dizia, o *sensurround* provocara em suas paredes.

Este canal de *subwoofer* era propulsionado por um subprocessador que "filtrava" as frequências mais baixas e as reproduzia em um alto-falante de grande dimensão. Estava criada a tecnologia 5.1, tendo cinco canais (esquerdo, central, direito, *surround* esquerdo e *surround* direito) e um canal de supergraves.

1998: com a inauguração dos cinemas da UCI em Salvador e Recife, introduziam-se novos conceitos de qualidade acústica nos cinemas. Nas cabines, identificavam-se os processadores Dolby SR e, em ao menos um terço das salas, os processadores Dolby Digital. As caixas acústicas recebiam bi ou triamplificação, conforme a dimensão das salas. Não bastassem equipamentos tão sofisticados, a construção envolvia o conceito de *box-in-box,* em que cada sala de exibição é uma caixa fechada e independente da outra. As paredes de gesso em três camadas superpostas eram completadas por um forro com o mesmo número de camadas. Recebiam uma espessa camada de lã de vidro sobre a parede interna, condicionando um tempo de reverberação adequado às gravações. Tinha-se no Brasil, enfim, salas de boa qualidade acústica e bons equipamentos instalados.

A partir da inauguração desses cinemas, os grandes e médios grupos exibidores passaram a privilegiar os aspectos acústicos e sonoros das salas. Em 2000, a Severiano Ribeiro estrearia o Kinoplex D. Pedro, em Campinas, tendo uma sala certificada pela THX, operando em 7.1., que seguia o já citado sistema 5.1., acrescido dos *surrounds* traseiros esquerdo e direito.

A certificação THX, concedida pela Lucasound, uma empresa pertencente ao cineasta George Lucas, baseava-se nas mais estritas normas internacionais, envolvendo a visibilidade recomendável de 36 graus medida da última fileira do cinema, o nível de ruído interno (curva ISO NC-25) e um tempo de reverberação máximo proporcional ao volume da sala (Norma ISO 2969). Na sala certificada, tinha-se as mesmas condições técnicas do estúdio em que se gravou e se mixou um filme.

A partir desta data, a Severiano Ribeiro abriria outras salas com tal certificação, sendo acompanhada pelo Arteplex, pela Cinematográfica Araújo, pela UCI, pela Cinemark e pelo Alameda Bauru, chegando-se a um total de 15 salas certificadas pela THX no país. Mais do que a certificação, os conceitos difundidos pela empresa de George Lucas foram absorvidos pelas empresas exibidoras, e mesmo as salas não submetidas à Lucasound tendiam a seguir os conceitos difundidos pela empresa do cineasta americano.

2010: no *shopping center* Guadalupe, instalado no bairro popular do Rio de Janeiro, é inaugurado um complexo de cinemas da Cinematográfica Araújo. Ali se tem uma tela com mais de 20 metros de largura e a sonorização é efetivada pelo sistema IMM Sound. Neste, amplia-se o número de canais da versão 7.1. para uma sonorização em 11.1., introduzindo três canais superiores frontais (esquerdo, central e direito), além de caixas de canal do *surround* vertical instalado no forro do cinema. O conceito de salas com projeção tridimensional, como aquela que a Cinematográfica Araújo designou MaxScreen, seria acompanhado pela Cinemark, que lançaria as salas XD, e pela Cinépolis, que abria salas Macro XE, com sonorizações 7.1. ou 9.1, porém com amplificações bem mais potentes, tendo caixas acústicas tri e quadriamplificadas. O Arteplex, a UCI e a Cinépolis inauguraram salas IMAX em São Paulo, Rio e Curitiba. Em 2012, a Cinépolis lançou em São Paulo e Salvador as salas 4DX, com efeitos sensitivos e poltronas com movimentos.

Atualmente, há no país quase 500 salas com projeção digital no padrão DCI (Digital Cinema Interactive) operando imagens em 2D e 3D, tendo o processamento sonoro totalmente digital. Ao menos outras 500 exibem filmes em 35 mm com processadores Dolby Digital. A competitividade entre os grupos exibidores transformou o avanço tecnológico em um diferencial qualitativo entre os cinemas de uma mesma cidade. As salas mais modernas possuem excelente condicionamento acústico e modernos equipamentos. As mais antigas buscam aprimorar suas condições com reformas intensas. Podemos afirmar que, atualmente, é possível ouvir com fidelidade a trilha de um filme na maior parte dos cinemas brasileiros. Pode-se afirmar, ainda, que o circuito de cinemas, instalado em um momento de forte concorrência utilizando tecnologias recentes, é moderno e com alta qualidade sonora. ■

Gonzaga Assis De Luca é diretor da Cinépolis do Brasil e autor dos livros *Cinema digital – um novo cinema?*, *A hora do cinema digital – democratização e globalização do audiovisual* e *Cinema digital e 35mm – técnicas, equipamentos e instalação de salas de cinema*.